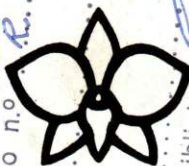


ORQUIDÁRIO

Revista R. 05
Livro Tombo n.º

Obra n.º



Bibliotecário

ORQUIDÁRIO

Revista Oficial
da

Orquidário

VOL. 2

Jan/Mar 1988

N. 1



R.05

OrquidaRIO

DIRETORIA

Presidente (licenciado)	Edward G. E. Kilpatrick
Presidente (em exercício)	Álvaro Pessoa
Secretário	Carlos Eduardo B. Pereira
Tesoureiro	Hans J. O. Frank
Diretor Técnico	Francisco Miranda
Diretor Social	Helena Eyer
Diretor de Exposições	Roberto Agnes
Editor	Francisco E. L. F. de Miranda
Comissão Editorial	Álvaro Pessoa
	Maria Cristina de C. Miranda
	Carlos Eduardo B. Pereira

NOTIFICAÇÃO AOS CONTRIBUINTES

A Revista ORQUIDÁRIO é publicada trimestralmente pela OrquidaRIO (Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro), e é mandada a todos os seus Associados e demais Associações afins. Cópias avulsas da Revista podem ser adquiridas diretamente da OrquidaRIO por 1/4 OTN.

Artigos a serem submetidos para consideração e posterior publicação são aceitos pelo Editor a qualquer tempo. Manuscritos devem ser datilografados preferencialmente em espaço duplo e papel A4. Os manuscritos aceitos pela Comissão Editorial serão publicados na primeira oportunidade. Fotos preto e branco, desenhos e esquemas junto aos artigos são aceitos para publicação (no caso de fotografias, se possível fornecer o nome do fotógrafo). Artigos a serem publicados em uma edição específica, incluindo propaganda, devem ser recebidos pelo Editor até as seguintes datas, que serão rigorosamente observadas:

Mês de edição	Data final de recebimento
Março	15 de janeiro
Junho	15 de abril
Setembro	15 de julho
Dezembro	15 de outubro

Taxas para publicação de anúncios:

Página inteira	20 OTN
Meia página	10 OTN
Quarto de página	5 OTN

A OrquidaRIO tentará assegurar a confiabilidade dos anúncios publicados na Revista ORQUIDÁRIO, entretanto, não poderá assumir responsabilidade por quaisquer transações entre anunciantes e clientes.

Toda correspondência relativa à Revista ORQUIDÁRIO deve ser enviada para:

Francisco E. Miranda - Editor
OrquidaRIO
Rua Sorocaba, 122 - Botafogo
22271 Rio de Janeiro - RJ

A OrquidaRIO está aberta à participação de todos. Os associados terão direito à Revista ORQUIDÁRIO e a participar de todas as atividades sociais da OrquidaRIO. A taxa é trimestral no valor de 1 OTN.

ORQUIDARIO

Livro Tombo

Revisão 05
R.

ÍNDICE obra n.º

29/04/92 g

CONTEÚDO

Bibliotecário

✓ Laelias Brasileiras - Noções, Espécies e Cultivo - 5	Francisco Miranda	6
• Barbosa Rodrigues - Um exemplo de amor à Ciência	Álvaro Pessôa	11
✓ O gênero <i>Oncidium</i> - 1	Carlos E. Pereira	14

NOTAS

Capa	3
Conteúdo do Próximo Número	4

COLUNAS

Editorial	5
-----------	---

CAPA

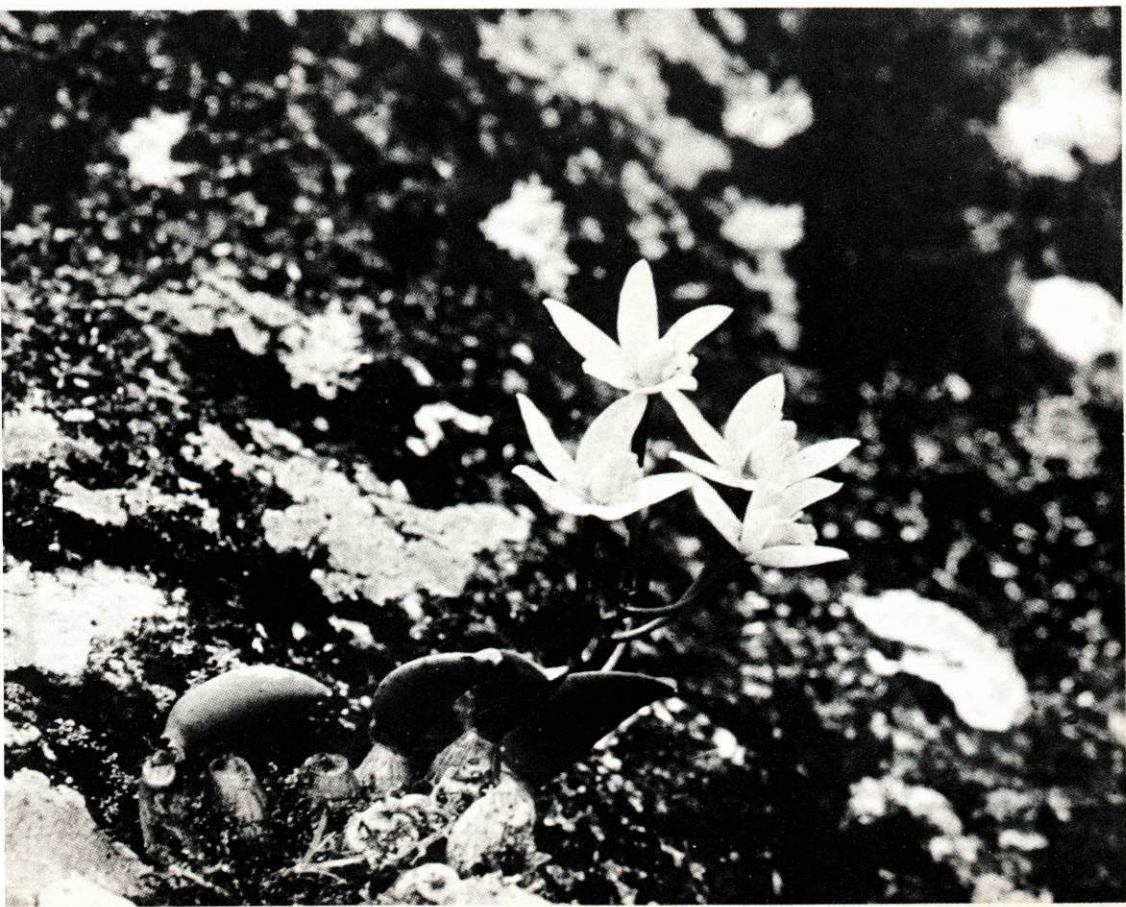
O *Oncidium flexuosum* é a primeira espécie tratada por Carlos Eduardo Brito Pereira em sua iniciante série à respeito das espécies brasileiras deste gênero tão ornamental e bem representado em nossa Flora. Além desta espécie ser muito conhecida dos cultivadores sendo aquela que nos vem imediatamente à mente, ao pensarmos no gênero, ela faz parte de uma secção que inclui outra espécie que talvez seja a que produz panículas mais vistosas, e que está ilustrada na contra-capas. E, mencionando panículas, *O. flexuosum* produz inflorescências densas de efeito maravilhoso, com muitíssimas pequenas flores amarelas.

CONTEÚDO DO PRÓXIMO NÚMERO

O próximo número incluirá mais uma parte das *Laelias* pertencentes à secção *Parviflorae*, desta vez tratando das espécies de flores amarelas. Carlos Eduardo continua sua série tratando dos *Oncidiuns* brasileiros, desta vez com uma abordagem das espécies da secção *Paucituberculata*, um grupo de flores menores que carece de uma maior atenção por parte de cultivadores. Helena Eyer faz um relato de uma excursão à Serra de Itabirito, e finalmente teremos os comentários de Osmar Júdice sobre John Lindley, o que não pode ser feito no presente número.

Laelia kettieana, outra das espécies de flores roxas, em seu habitat natural.

Foto: F. E. Miranda



EDITORIAL

Com o presente número iniciamos o segundo volume da Revista Orquidário, e a nossa jovem Associação orquidófila tem motivos de sobra para alegrias. A Orquidário Já conseguiu uma boa penetração no meio orquidófilo por todo o Brasil, e sua Revista passou da fase crítica de produção de um ou dois números, mostrando que tem fôlego para continuar e que orquidófilos e orquidólogos tem muito com que contribuir para a difusão de idéias e conhecimento para toda a comunidade orquidófila.

Com relação às orquídeas, deve ser dito que o início de uma série tratando de *Oncidium*s vem bem a calhar para este primeiro trimestre do ano, já que a análise da secção *Synsepal*a coincide com a floração das espécies mais ornamentais deste grupo, que vai desde *O. flexuosum* em janeiro-fevereiro, até *O. varicosum*, que se concentra em março. Com relação ao primeiro, é inevitável pensar em como algumas espécies de orquídeas são tão adaptáveis a diferentes habitats. *O. flexuosum* é espécie que habita brejos e matas alagadiças, principalmente na faixa litorânea ou um pouco mais para o interior, do Rio grande do Sul até a Bahia e é geralmente muito frequente por toda esta faixa. Entretanto, para provar que em grande parte das vezes os fatores que regem esta distribuição ainda estão muito longe de serem compreendidos pelo ser humano, sementes levadas pelo vento foram capazes, em mais de uma localidade, no Estado do Paraná, de germinar em barrancos à beira da estrada, mais especificamente, da BR-101, entre gramíneas e outras plantas graminóides, e de lá viverem, florirem e produzirem cápsulas em abundância. Todas as características destas populações indicam que o início da colonização vem desde que estes barrancos existem. Este exemplo foi mencionado para que nunca nos esqueçamos que a observação das plantas no habitat não deve se limitar apenas a encontrar e coletar as plantas. Muito mais importante é entendermos que as plantas, na natureza, tem muito a nos ensinar sobre como cultivá-las e quem sabe, propagá-las, pois no nosso mundo atual, onde a destruição da natureza está num ritmo vertiginoso e impossível está de rearmos as perdas, não podemos mais nos dar "ao luxo" de permitir que plantas retiradas da natureza morram em grande quantidade apenas, porque não pudemos ou não quisemos aprender como cultivá-las. Lembremo-nos que as orquídeas podem se adaptar à nossa incompetência, mas só até certos limites.

FRANCISCO MIRANDA

Laelias Brasileiras · Noções, espécies e cultivo · 5

FRANCISCO MIRANDA¹

Como dito no número anterior, agora trataremos de um subgrupo dentro da secção Parviflorae, incluindo as espécies de flores róseas e rôxas. Com relação ao porte vegetativo, temos apreciável variação de espécie para espécie, desde as mais baixas, como *L. ghyllanyi*, até a mais alta, *L. crispata*. A variação de época de floração é apreciável, mesmo quase durante todo o ano temos espécies pertencentes a este grupo floridas. Caracteres importantes para a separação das espécies são, ainda, além de detalhes florais, o porte vegetativo e a relação da altura da haste floral com a da planta. Aliás, pensando nas *Laelias* rupícolas como um todo, esta relação de altura da planta com haste floral é importante sobretudo nas rôxas e amarelas, mas, como veremos mais adiante, devemos ter um certo cuidado.

Nos números anteriores da série, listamos e fizemos breve descrição de todas as espécies de suas respectivas secções. Nestes capítulos tratando das rupícolas, entretanto, mencionaremos apenas as espécies mais conhecidas ou características, pois não poucas espécies são obscuras e outras ainda não têm seu habitat conhecido e não são ou nunca foram vistas em cultivo. Tendo em mente citarmos espécies suficientes para caracterizar bem os grupos, temos as abaixo, entre as róseas e rôxas.

Laelia crispilabia

Uma espécie muito comum, mas extremamente confundida na literatura especializada. Isto porque se chegou a considerar a espécie como raríssima e a espécie extremamente abundante ao redor de Belo Horizonte, nas serras de minério, como espécie à parte, a saber, *Laelia mantiqueirae*. Muitos observadores já tiveram oportunidade, entretanto, de verificar no habitat a variabilidade da espécie, de modo que atualmente tende-se a considerar as *L. mantiqueirae* como formas mais robustas que ocorrem na parte sul da faixa de distribuição da espécie. A época de floração vai de março até agosto, concentrando-se em abril-maio. As formas típicas de *L. crispilabia* são encontradas, como dito, nas serras de minério de ferro próximas a Belo Horizonte, na maior parte das vezes expostas à insolação total, sobre lajes abertas. Pode ser considerada como a *Laelia* rupícola mais frequente em seu habitat, e muitas vezes é impossível não pisar sobre elas ao caminhar nestes locais. Nestas plantas de locais mais expostos, a planta toda raramente ultrapassa 15 cm de altura, os pseudobulbos são robustos e as folhas muito carnosas e eretas, às vezes tudo com matizes rôxos sobre o típico "verde-alface" da planta. As inflorescências são altas, atingindo até mais de 40 cm, e as flores são róseas, de claras a escuras, geralmente com labelo orlado de rôxo-escuro, concentrando-se no terço fi-

¹Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.

Laelia
crispilabia

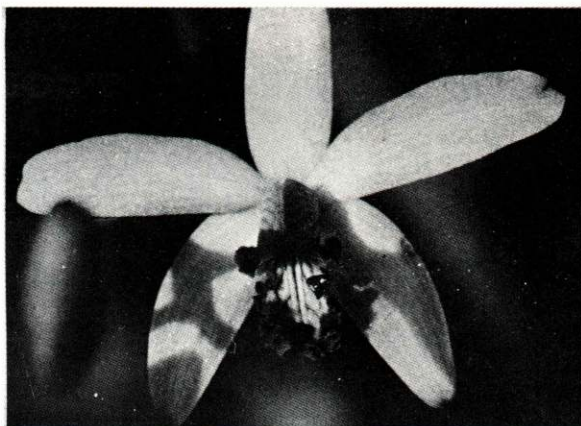


Foto: F. E. Miranda

nal da haste. Devido a esta alta frequência no habitat, muitas variações são citadas para a espécie, incluindo raríssimas albas e coeruleas até frequentes concolores, estas com labelo sem a orla escura. Muito raras são ainda as chamadas "áureas", com tubo do labelo amarelo, quando este normalmente é branco.

Laelia crispata

Mais conhecida popularmente como *Laelia rupestris*. É outra espécie muito comum em seu habitat, entretanto, sua faixa de distribuição é bem mais ao norte, de modo que esta espécie e a anterior não são encontradas juntas. Antes, a presente é encontrada em formações cristalinas, e quase nunca tão exposta à insolação como a anterior. Seus pseudobulbos são fusiformes, bem altos, geralmente entre 15-20 cm, e são encimados por uma folha carnosa, acanoadada e ereta, igualmente longa. As plantas são muito características por formarem touceiras compactas e pelo fato das folhas terem geralmente uma aparência acinzentada devido a um revestimento protetor que aqui não interessa ser discutido em sua composição. A inflorescência está protegida por uma espata igualmente bem desenvolvida e ereta, e em altura excedem as folhas. Aqui é interessante discutir um pouco mais sobre o que foi dito a respeito da relação entre altura da planta e da inflorescência. Em plantas que são encontradas nas condições habi



Laelia
crispata

Foto:

F. E. Miranda

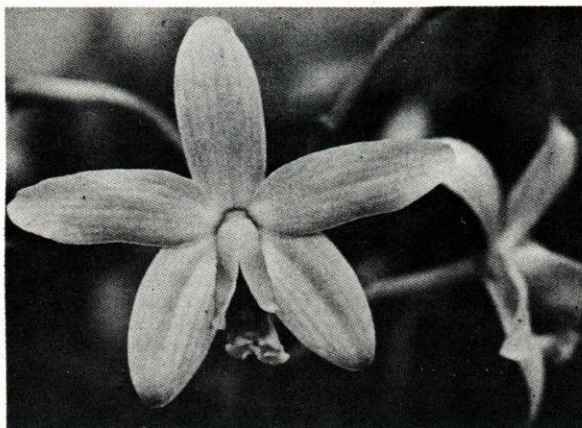
tuais na natureza, isto é, crescendo em fendas de rochas, e desta forma tendo porte alto, as inflorescências pouco excedem a altura da planta. Entretanto, em alguns casos em que as plantas habitam locais abertos, e desta forma mal atingem 10 cm de altura, as inflorescências chegam a ter mais de três vezes sua altura, daí olharmos com atenção outras características, quando encontramos plantas sem flores, mas com hastes secas. Isto é válido para muitas outras espécies. Voltando às flores de *L. crispata*, são estas bem estreladas, rôxas em vários tons, geralmente tendo coloração mais clara para a base dos segmentos. O labelo tem disco branco e os bordos rôxo-escuros, e entre as variações de colorido podem ser confirmadas semi-albas e albescens. As flores abrem-se em curta sucessão, de baixo para cima, e chegam a ficar todas abertas ao mesmo tempo. Sua época de floração concentra-se em agosto-setembro, mas desde julho até novembro podem encontrar plantas floridas.

Laelia ghyllanyi

Espécie relativamente pouco conhecida em cultivo e muito difícil de ser encontrada em seu habitat. Sua área de ocorrência é no limite sul do habitat da *L. crispata* e é restrita a poucas pedreiras. O motivo de ser aqui tratada deve-se a seu característico porte vegetativo, já que as plantas raramente atingem 10 cm de altura, sem flores. Floridas pouco passam disso, já que as hastes florais são apenas um pouco mais altas do que as folhas. Isso nas plantas que crescem bem expostas à insolação. Nas poucas plantas que crescem em locais mais protegidos, o porte é um pouco mais alto, e nestes casos, as inflorescências são aproximadamente da mesma altura das folhas. As plantas, na maior parte das vezes possuem forte coloração rôxa nos pseudobulbos e folhas. Os pseudobulbos são cônicos, mas quase redondos, e as folhas são carnosas, acanoadas, curtas e bem carnosas. As inflorescências estão protegidas por pequenas espatas e podem produzir até 7 flores, rôxas com labelo de disco branco e bordos rônos. Uma característica interessante quanto à coloração é o fato de muitas plantas apresentarem como que um "flameado" nas pétalas, formando um efeito muito interessante. Sua época de floração é em outubro-dezembro, e as variações de colorido mais conhecidas se limitam à tonalidade do rôxo das sépalas e pétalas.

Laelia lucasiana

Também conhecida como *L. ostermayeri*. Talvez, seja, dentro das espécies de Laelias rupícolas rônas a que mais se destaca das demais, isto por uma série de características, tanto vegetativas como florais. Vegetativamente, geralmente as plantas são robustas, porém baixas. Os pseudobulbos são quase sempre redondos, devido à exposição destas plantas à insolação, e com até 3 cm de diâmetro. As folhas são acanoadas, muito carnosas, e também quase redondas. Muitas vezes, as plantas apresentam matizes arroxeados. As inflorescências são relativamente baixas, em geral em torno de 10 cm de altura, assim apenas um pouco mais altas do que as folhas. As flores aparecem em número de 2-5, raro mais, no terço superior da haste. Sua coloração, entre tanto, é o que melhor caracteriza a espécie. As sépalas e pétalas são de rôseo claro até escuro, uniforme, e o labelo é de um amarelo-alaranjado vivo, produzindo contraste muito agradável. No total, as flores, que são bem abertas, têm entre 3 e 5 cm de diâmetro, e seu colorido tem se mostrado dominante na produção de híbridos rônos, passando o colorido amarelo no labelo. Seu habitat é nas serras dos arredores de Belo Horizonte, e sua época de floração vai de setembro a novembro.



Laelia
lucasiana

Foto:

F. E. Miranda

Laelia fournieri

Outra espécie muito interessante que está incluída neste grupo por dois motivos, além do fato de não se encaixar bem em nenhum dos outros. O primeiro é o fato da espécie ser ainda motivo de dúvidas pelo fato de ser, por muitos, considerada como mera variedade alba de *L. lucasiana*, devido a uma certa semelhança de porte, apesar de *L. fournieri* ser menos robusta em média. Isto já causou confusão a botânicos do quilate de F. C. Hoehne. Entretanto, populações inteiras desta espécie são encontradas isoladas de *L. lucasiana*, e a forma das flores, menores e mais estreitas em seus segmentos, a diferencia bem. As inflorescências são ainda bem mais delicadas e altas, apresentando frequentemente 5-7 flores. O segundo motivo diz respeito à coloração. Apesar das flores serem brancas, muitas vezes apresentam matizes arroxeados na face externa dos segmentos. Com isso tudo podemos concluir que a espécie é na verdade um intermediário entre *L. lucasiana* e *L. reginae*, espécie a ser mencionada a seguir. Seu habitat é em serras de rochas cristalinas, e sua época de floração é dezembro-fevereiro.

Laelia reginae

Pequena espécie ocorrente nos arredores de Belo Horizonte, tendo flores com cerca de 2 cm de diâmetro. São plantas que vivem nos bordos de moitas de pequenas *Vellozia* (conhecidas como "canelas-de-ema"), onde conseguem muita luz e ao mesmo tempo proteção contra excesso desta. As plantas são muito pequenas, raramente ultrapassando 5 cm de altura total, e quase sempre são bastante arroxeadas. As inflorescências são baixas, geralmente algo como 5 cm de altura, e apresentam até 5-7 flores, mas geralmente menos. Estas são róseas claras a quase brancas, com labelo amarelo. Sua época de floração é agosto-novembro.

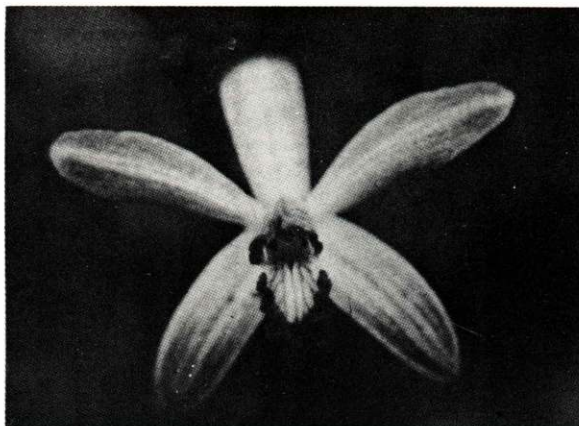
Laelia liliputiana

É sem dúvida a *Laelia rupícola* de menor porte vegetativo, daí ter recebido este nome, em alusão aos habitantes minúsculos da estória de Gulliver. As plantas muito raramente ultrapassam

4 cm de altura, e floridas mal chegam aos 5 cm, e isso raramente. As inflorescências produzem poucas flores de tamanho médio de 1,5 cm. Estas são rãs com labelo amarelo orlado de rã. Seu habitat é muito restrito e frequentes incêndios nas lajes de pedra que habitam têm reduzido drasticamente as populações. Além disso, é uma das poucas espécies onde podemos considerar coletadores como responsáveis reais pela diminuição do seu número na natureza, já que um saco cheio delas significa milhares de plantas, o que num habitat restrito como o da espécie faz muita diferença.

Laelia pfisteri

Esta espécie não chega a ser característica no porte e nas flores, mas aqui é mencionada para que possamos fazer uma idéia mais perfeita da área de distribuição das espécies deste grupo. Esta é uma espécie de *Laelia rupícola* cujo habitat é a serra do Sincorã e arredores, na Bahia. As plantas possuem pseudobulbos fusiformes, relativamente altos e folhas pouco acanoadas, quase planas, recurvadas para trás. Estas plantas atingem até 25 cm de altura total, raro mais, e são sempre bastante arroxeadas. As inflorescências são altas, até 50 cm, e as flores abrem-se sucessivamente, de baixo para cima. Estas são rãs, com algum esmaecimento para a base dos segmentos, e o labelo é branco orlado de rã-escuro. Em seu habitat, vivem entre arbustos, assim protegidas do excesso de insolação. Sua época de floração é setembro-dezembro.



*Laelia
pfisteri*

Foto:

F. E. Miranda

CONCLUSÃO

Este breve tratamento de forma alguma menciona perto de todas as espécies de *Laelias rupícolas* de flores rãs, mas serve para dar uma idéia da variação, tanto de porte vegetativo como de flores, além de abranger toda a área de dispersão destas plantas, que como se pode ver, é bem grande. Foi evitado, também, mencionar espécies duvidosas ou que pouco se diferenciem de outras, pois o objetivo aqui é dar uma idéia do grupo, apenas. Este mesmo tratamento será dado ao grupo de flores amarelas, onde estas espécies pouco claras são ainda mais frequentes.

Um Exemplo de Amor à Ciência

ÁLVARO PESSÔA¹

Transcorreu no ano de 1983 o centenário da publicação da obra do orquidófilo e botânico, JOÃO BARBOSA RODRIGUES: "Structure des Orchidées - Notes d'une Étude", cuja versão original foi inteiramente escrita em francês. Mandou-a reeditar o Jardim Botânico Nacional, em exata reprodução do original, prestando a seu autor merecida homenagem. No momento em que exemplos de abnegação e amor à ciência carecem de maior admiração, é realmente singular o tipo de coragem e bravura silenciosa dos homens da botânica, que revelaram ao munda a flora da América do Sul e em especial a flora orquidófila brasileira.

Na bravura desses homens, de que no Brasil BARBOSA RODRIGUES é um belo exemplo, não há cavaleiros com armadura de aço, nem soldados manchados de sangue. As armas ofensivas desses indivíduos são latinhas para coleta de plantas, lupas, pinças e material para prensar flores. Isto, e mais a paixão pela descoberta, que os levava a penetrar silenciosas selvas brasileiras, sem recursos, sem estradas, sem comunicações, todos a bufar suarentos sob o sol tropical, rumo às fronteiras do desconhecido, em meio a doenças tropicais e longe da família. Esta luta é que mostra a fibra e a coragem moral desses homens.

Quando JOÃO BARBOSA RODRIGUES nasce, em 22 de junho de 1842, grande parte do obscurantismo que pairou sobre a América do Sul em geral e o Brasil em especial já havia desanuviado. É que a divisão feita pelo Papa, das terras do continente latino americano, entre Espanha e Portugal (sabe Deus com que direito) pelo Tratado de Tordesilhas, tivera duas consequências: primeiro, enfurecera o rei da França, que fora excluído da partilha. Segundo, tornara do interesse da Corôa Portuguesa e da Espanha, manter o continente livre de estrangeiros bisbilhoteiros e, em especial, cientistas. Para os governantes, hoje e sempre, uma espécie perigosa! O grande administrador e homem de ciência, que foi Maurício de Nassau, é que tenta mudar esta tendência (e de certo modo o consegue), embora regionalmente, mandando pesquisar a flora. Para tal fim, manda vir ao Brasil, não um, mas dois botânicos alemães, Georg Markgraf e Willem Piso, que pesquisaram um curto período, durante os 30 anos da dominação holandesa no Nordeste.

O levantamento efetivo do véu de mistério que a Corôa Portuguesa sempre mantivera sobre as riquezas do Brasil só ocorre a partir de 1808. A fuga da família real para o País, face à invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão, força D. João VI a permitir, finalmente, a busca da ciência européia sobre as coisas nacionais. Aporta ao Rio de Janeiro a missão francesa!

¹R. Uruguai, 508/102, Tijuca, Rio de Janeiro.

Na América espanhola, esta abertura começara bem antes. A Academia de Ciências da França, já em 1750, após entender-se com o rei da Espanha, nomeava Charles Marie La Condamine como chefe da missão científica encarregada de medir, nos Andes, o arco do meridiano na linha do Equador. Além de La Condamine, vem, após, o Barão Alexander von Humbolt, alemão de origem, seguindo-se-lhe Charles Darwin e Richard Spruce cuja contribuição para a Botânica foi inestimável.

No Brasil, face à política colonialista portuguesa dominante, isto não ocorrera. Virtualmente, temiam-se e hostilizavam-se os cientistas. Por Alvará régio, determinara-se mesmo a prisão e condução à Corte de qualquer estrangeiro encontrado na atividade de pesquisa no País. É, aliás, do Barão von Humbolt, a curiosa (e atualíssima) observação feita em carta a um colega europeu, de que os burocratas brasileiros tinham "tanto de desprezível o espírito, como de mesquinho o corpo", mas que ele, para ver uma floresta tropical, cheia de orquídeas, bromélias e macacos, "era capaz até de beijar o chão onde pisava o burocrata", quanto mais de pedir uma licença.

Nesta aurora da descoberta científica do Brasil, é que BARBOSA RODRIGUES se educa. Só uma vez viajou à Europa e, ainda aí cinco anos antes de sua morte. Sua formação cultural é toda feita entre nós. Ocorre que tal educação é o resultado do trabalho da elite que erigiu e armou as colunas mestras do Império Brasileiro, atravessando neste momento, um de seus períodos mais fecundos, sendo seu orientador Freire Alemão.

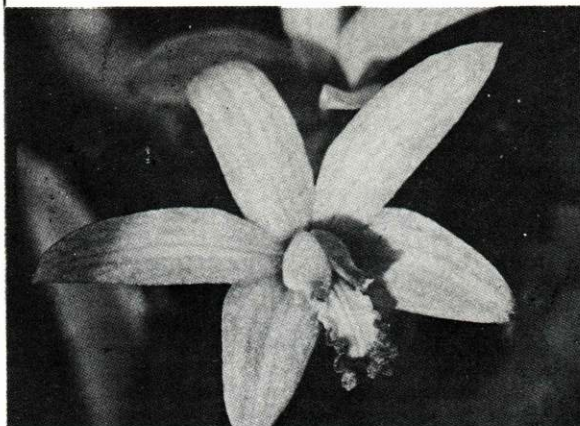
Formado Engenheiro pela então Escola Central de Engenharia em 1869, contando apenas 27 anos, aos 30 anos de idade BARBOSA RODRIGUES inicia longa viagem pela Amazônia e publica, em 1872, sua "Exploração e Estudo do Vale do Amazonas". Aos 41 assume a direção do "Museu Botânico do Amazonas" por ele idealizado e criado sob o patrocínio da Princesa Isabel e do Barão de Capane ma que, sendo botânico (embora político), financiava e estimulava os trabalhos do colega. Para escrever os estudos com que, de forma quase pioneira, enriqueceu a então incipiente cultura botânica brasileira, BARBOSA RODRIGUES, a exemplo de outro botânico de sua época, Alexandre Rodrigues Ferreira, sempre percorreu pessoalmente as regiões, em contato com a natureza, e preparava seu próprio material de taxonomia. Sua paixão pessoal foram as orquídeas e as palmeiras brasileiras.

Entre 1869 e 1882 completa um trabalho hercúleo que é o "Iconographie des Orchidées du Brésil", no qual descreveu inúmeras espécies, principalmente as nativas dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Mas a energia e o valor do homem eram notáveis; quase simultaneamente prepara e publica "Genera et Species Orchidacea Novarum". O material e o conhecimento da flora orquídea brasileira por parte de BARBOSA RODRIGUES já eram, então, de tal forma significativos que transpuseram as fronteiras nacionais. Buscando o apoio indispensável dos administradores do Império, o botânico tenta de todas as formas e durante quatorze anos a publicação a cores de suas ilustrações e de suas pesquisas no Brasil. O Império Brasileiro entrara, porém, em seu ocaso. Quase paralelamente, von Martius iniciava os trabalhos preliminares da "Flora Brasiliensis". Primeiro diretamente e, depois, por intermédio de Reichenbach, Kraenzlin e Eicher tudo se tentou para que BARBOSA RODRIGUES entregasse as ilustrações e informações, que recolhera em 20 anos de trabalho. Sua resistência foi intensa mas o trabalho, que tentava, de convencimento dos Ministros de D. Pedro II resultou inútil. Foi só em 1892, quando von Martius havia quase perdido a esperança, que

BARBOSA RODRIGUES afinal cedeu. Perdera a esperança, ao ver uma nova ordem se estabelecer no País com a República. Enviou, então, a Cogniaux, na Bélgica, 376 desenhos, contendo detalhada descrição de 23 gêneros e 351 espécies. Cogniaux, que havia sido encarregado da preparação de uma monografia sobre orquídeas (a qual constitui parte importante da "Flora Brasiliensis" de von Martius) sempre deu, aliás, grande crédito à contribuição de BARBOSA RODRIGUES. Cogniaux nomeou "Rodriguesii" nada menos do que 11 espécies, em honra e homenagem a seu colega brasileiro.

A República, que BARBOSA RODRIGUES temera, nunca porém lhe negou os méritos. Ao contrário. Foi ele o primeiro Diretor Geral do Jardim Botânico na fase republicana, nomeado por Deodoro da Fonseca, em 1890. Nesta posição permanece por 19 anos, até sua morte que ocorre em 1909.

É no período em que o Jardim Botânico Nacional é administrado por BARBOSA RODRIGUES, que ocorre sua consolidação (pelo menos temporária) como centro irradiador de cultura da flora brasileira. Sem desmerecer dos trabalhos dos botânicos brasileiros, entre outros, de Saldanha da Gama, Caminhoã, Frei Veloso, Frei Leandro e os demais colaboradores de von Martius na "Flora Brasiliensis", a energia, o idealismo e a objetividade de BARBOSA RODRIGUES consolidaram uma obra duradoura e, só por isso, ele merece a maior admiração dos orquídocófilos, quer como exemplo, quer como símbolo.



*Laelia
kettieana*

Foto: F. E. Miranda

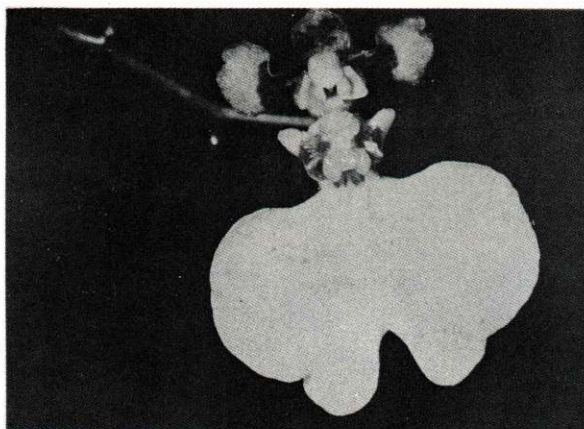
Notas sobre o

gênero **ONCIDIUM** · 1

CARLOS E. PEREIRA¹

Oncidium flexuosum Sims

E escolhi o *Oncidium flexuosum* como exemplo para iniciar a coluna Notas Sobre o Gênero *Oncidium* por ser uma espécie cuja área de dispersão abrange a grande maioria dos estados do Brasil e por ser conhecida por praticamente todos os nossos cultivadores. O nosso conhecido "Pingo de Ouro", embora não produza flores grandes, produz seguramente uma das mais bonitas inflorescências do gênero, pela sua característica de compactação, pelo brilho e tonalidade do amarelo de suas flores. O objetivo desta coluna é incentivar o cultivo do gênero por parte dos colecionadores brasileiros e tentar acrescentar algum conhecimento no que diz respeito às suas espécies.



O gênero *Oncidium* engloba cerca de quatrocentas espécies das quais mais de cem endêmicas no Brasil, com hábito vegetativo bastante variado, produzindo inflorescências com uma a mais de cem flores de tamanho variando de alguns milímetros a aproximadamente dez centímetros, crescendo sobre árvores, rochas ou diretamente no solo.

¹R. São Clemente, 398/907, Humaitá, Rio de Janeiro.

Entre as espécies brasileiras as variações no hábito vegetativo se manifestam em relação a diversos aspectos da planta:

Existem espécies que apresentam os pseudobulbos afastados uns dos outros ao longo do rizoma como o *O. warmingii* Reich.f, e outras cujos pseudobulbos são bem agregados ao longo do rizoma como o *O. varicosum* Lindl.

Existem espécies com pseudobulbos muito pequenos em relação ao tamanho da planta, a ponto de ser difícil o seu reconhecimento, como o *O. lanceanum* Lindl, e outras que os têm bem desenvolvidos como o *O. enderianum* Hort.

Existem espécies com pseudobulbos achatados como o *O. harrisianum* Lindl., alongados como o *O. riograndense* Cogn, ovalados quase arredondados como o *O. praetextum* Reich.f.

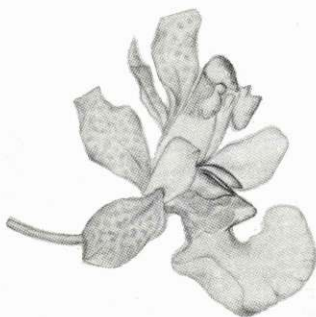
Existem espécies com folhas compridas e transversalmente circulares imitando uma folha de cebolinha como o *O. jonesianum* Reich.f e outras com folhas planas como o *O. nanum* Lindl.

Existem espécies cujos pseudobulbos apresentam somente uma folha no ápice como o *O. robustissimum* Lindl, espécies com pseudobulbos bifoliados como o *O. curtum* Lindl e outras com pseudobulbos com mais de duas folhas no ápice como o *O. blanchetii* Reich.f.

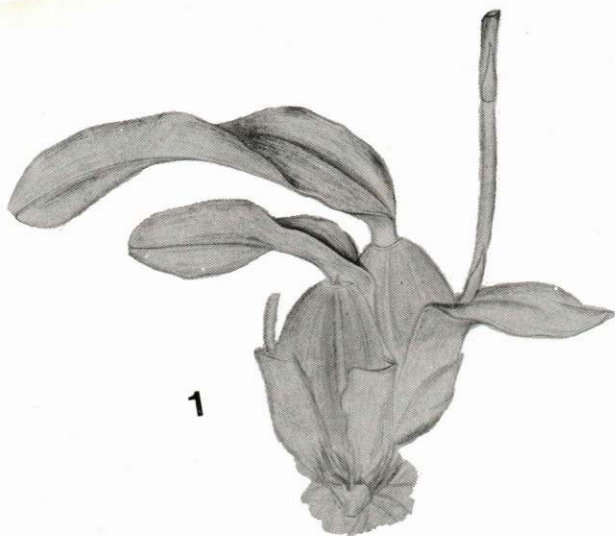
Existem espécies cuja inflorescência mal atinge dez centímetros de comprimento como o *O. longipes* Lindl e outras cuja inflorescência muitas vezes ultrapassa a marca dos três metros como o *O. baueri* Lindl.

Existem espécies que produzem inflorescências bem ramificadas como o *O. divaricatum* Lindl e outras que produzem inflorescências sem ramificação como o *O. waluewa* Rolfe.

Existem espécies cujas flores são minúsculas não tendo nem um centímetro de diâmetro como o *O. pumilum* Lindl e outras cujas flores chegam a medir dez centímetros como o *O. crispum* Lodd.



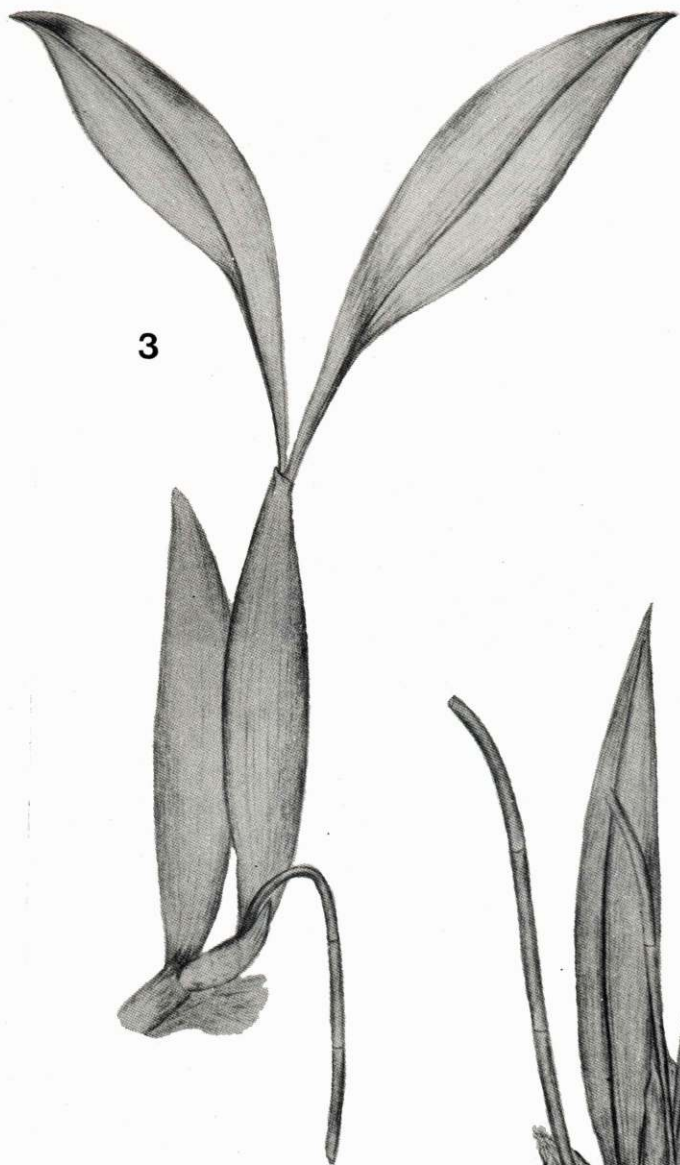
Detalhe de flor de *Oncidium cebolleta*, mostrando uma das características do gênero, a saber, coluna e labelo formando angulo de 90 graus.



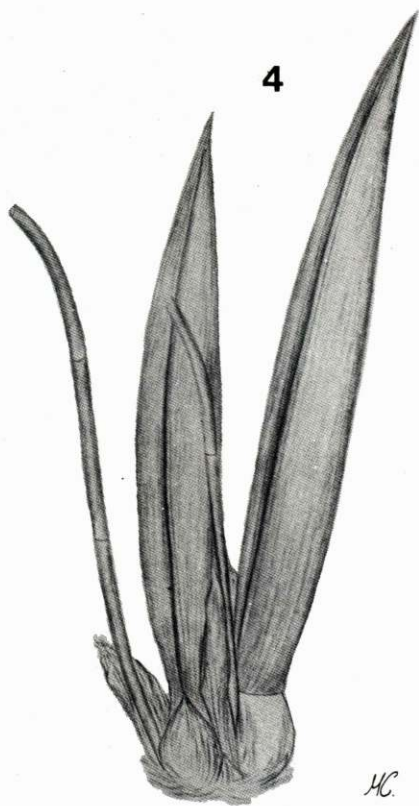
PORTE VEGETATIVO:

1 - Secção BARBATA

2 - Secção CRISPA



3



4

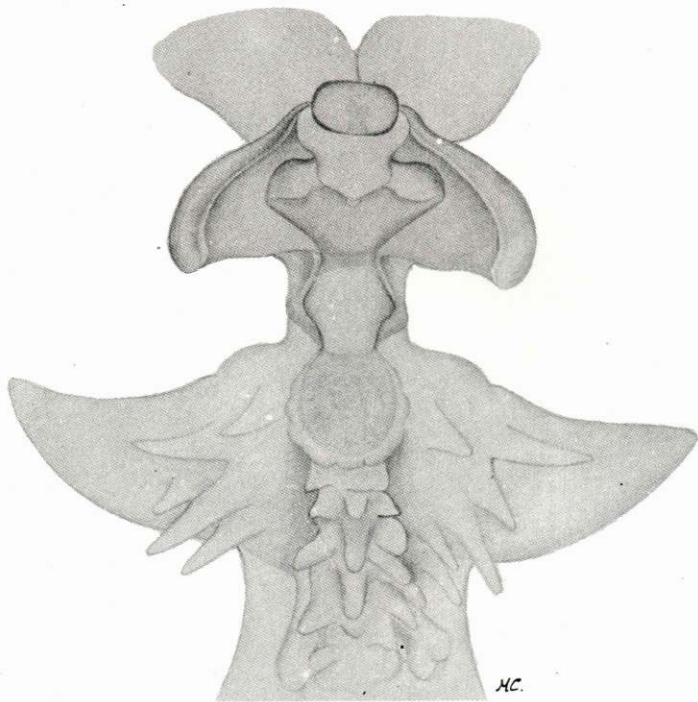
HC

3 - Secção WALUEWA

4 - Secção CEBOLLETAE

Existem espécies cujas pétalas são grandes, quase do tamanho do labelo, como o *O. forbesii* Hook e outras cujas pétalas são pequenininhas, bem menores que o labelo como o *O. flexuosum* Sims.

Apesar desta diversidade de formas, algumas características são comuns a todas espécies do gênero, como o fato de as inflorescências brotarem lateralmente na base dos pseudobulbos, o labelo fazer um ângulo de quase 90° com a coluna e este sempre apresentar calos em seu disco.



Vista frontal de flor de *O. flexuosum*, mostrando com riqueza de detalhes outra das características das espécies do gênero, que são as múltiplas e complexas calosidades no disco do labelo. Esta característica tem importantíssimo valor taxonômico, a ponto de, em muitas secções do gênero, espécies serem separadas exclusivamente baseadas nestas calosidades.

O gênero *Oncidium* é dividido em 26 seções de acordo com características comuns aos grupos de espécies. No Brasil temos espécies pertencentes a 18 seções diferentes.

A grande maioria das espécies brasileiras produz flores amarelas, algumas, marrons ou marrons com partes amarelas e algumas poucas, brancas ou esbranquiçadas. De maneira geral, no disco do labelo aparecem cores diferentes dos demais segmentos florais, como alaranjado, avermelhado, púrpura e no caso do *O. dasytyle* Reich. f uma cor tão escura que chega a dar a impressão do preto.

Agora finalmente, vamos falar um pouco sobre a espécie título deste artigo. O *O. flexuosum* pertence à seção *synsepala*, o que a grosso modo quer dizer que ele tem sépalas e pétalas mais ou menos do mesmo tamanho, estreitadas na base, ou seja com formato aproximado de uma clava, e de tamanho muito menor que o labelo, as duas sépalas laterais sendo "coladas" entre si em uma extensão variável.

O *O. flexuosum* tem pseudobulbos ovalados, as vezes levemente alongados um pouco achatados, de modo geral afastados uns dos outros ao longo do rizoma. Produz uma inflorescência erecta bastante ramificada na ponta, de uns 70 centímetros de comprimento, com flores pequenas em torno de 2 centímetros de diâmetro de cor amarelo brilhante com manchas marrons nas sépalas e pétalas que são bem menores que o labelo. As sépalas laterais são soldadas até quase a metade de seu comprimento. O labelo é trilobado com lobos laterais minúsculos e apresentando em seu disco um calo composto por uma crista carnosa, cuja parte "de cima" tem o aspecto de uma "almofadinha áspera" e a parte "de baixo" se divide em três dentes, e uma série de pequenos tubérculos em ambos os lados da crista. A coluna apresenta duas assimas relativamente grandes e largas.



Laelia reginae : habitat.

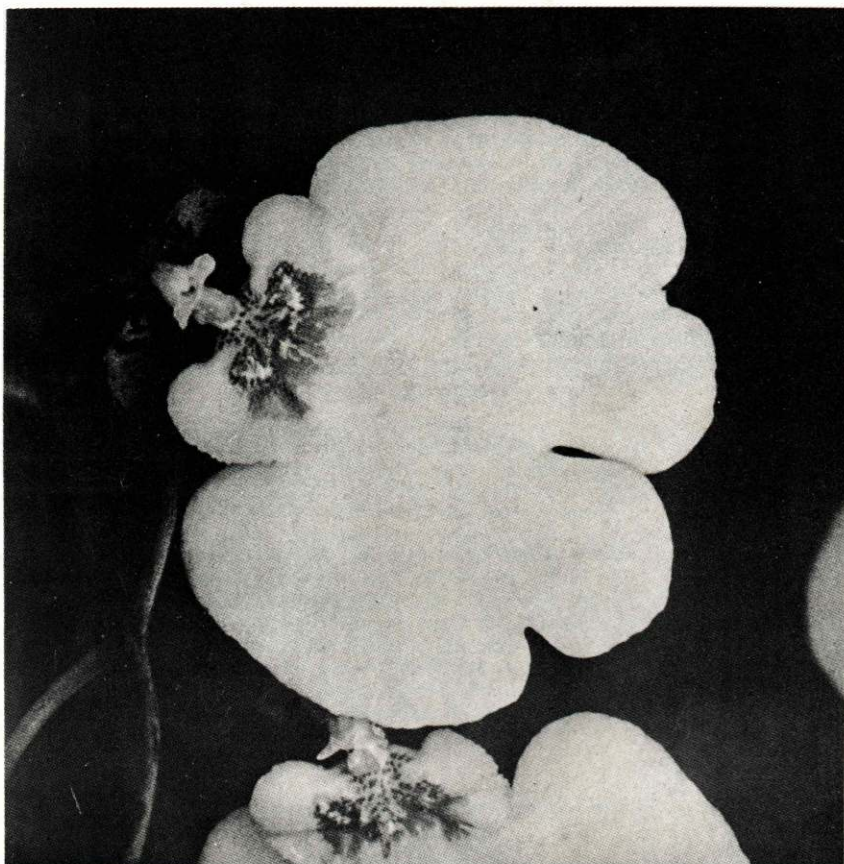


Foto: F. E. Miranda

A secção Synsepala é constituída por perto de uma dezena de espécies, sendo que uma das mais bem conhecidas e sem dúvida a mais ornamental é *Oncidium varicosum* Lindl., com flores que tem como porção mais vistosa o labelo. Este po de chegar a atingir até 5.5 cm de envergadura, como em *O. varicosum* 'Boa Vista', o que em panículas de quase 1m de comprimento e mais de 50 flores produz efeito maravilhoso. A espécie é encontrada nos Estados do Paraná, Minas Gerais e São Paulo, em matas alagadiças estacionalmente, ou à beira de rios. A destruição de seu habitat e coleta intensiva desde o século passado pode nos privar de admirar a espécie na natureza em período muito breve.